

# PRÁTICAS DE ALFABETIZADORAS EM FORMAÇÃO PELO PNAIC: USO DAS OBRAS COMPLEMENTARES E/OU ALFABETIZAÇÃO NA IDADE CERTA

Regiane Pradela da Silva Bastos<sup>1</sup>  
Cancionila Janzovski Cardoso<sup>2</sup>

*[...] a literatura torna o mundo e a vida  
compreensíveis,  
porque revela outros mundos e outras vidas [...]*  
Magda Soares

A leitura literária corresponde ao interesse da maioria das crianças, possibilitando não só uma alternativa de lazer e prazer, mas também por seu valor formativo. Os livros infantis são recursos didáticos que podem favorecer a aprendizagem da leitura, a fluência e a produção textual, a articulação entre o letramento e a alfabetização iniciais e a reflexão sobre o sistema de escrita alfabética, além de possibilitar descobertas por meio de situações prazerosas de leitura.

Com objetivo de auxiliar no processo de alfabetização e letramento, o Ministério da Educação (MEC) distribuiu acervos de livros para as salas do ciclo de alfabetização por meio do Programa Nacional do livro Didático (PLND). Inicialmente foram enviados para as escolas públicas os acervos com gêneros textuais variados, intitulado “Obras Complementares”, em 2010 e 2013. Depois, com início do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC), a partir de 2013, foram distribuídos acervos de literatura infantil intitulado “Alfabetização na Idade Certa”.

O PNAIC foi instituído em 2012, com a finalidade principal de assegurar que todas as crianças estejam alfabetizadas plenamente até os oito anos de idade, ao final do terceiro ano do Ensino Fundamental. É uma política pública nacional de formação continuada de alfabetizadores e um dos eixos de atuação do Programa é representado pelos materiais didáticos, obras literárias e obras de apoio pedagógico, disponibilizados pelo MEC às salas de alfabetização das escolas públicas, como mais um suporte ao trabalho pedagógico do professor alfabetizador.

Sendo assim, durante os encontros de formação, várias obras foram apresentadas aos alfabetizadores, principalmente as Obras Complementares que já haviam sido distribuídas e estavam nos cadernos de formação por meio de relatos de experiências e sugestões de estratégias pedagógicas para utilizá-las. Além disso, os Orientadores de Estudo iniciavam todos os encontros de formação com uma leitura deleite utilizando muitos desses livros.

## Contextualizando a pesquisa

Diante desse contexto, iniciou-se uma pesquisa com objetivo de analisar o diálogo entre as práticas pedagógicas de três professoras dos três primeiros anos do Ensino Fundamental, de três escolas estaduais de Rondonópolis/MT, e a formação do PNAIC na área de Linguagem, com foco na utilização dos acervos de livros Obras Complementares e/ou Alfabetização na Idade Certa.

Portanto, este estudo é parte da dissertação de mestrado que se vincula ao Grupo de Pesquisa Alfabetização e Letramento Escolar (ALFALE), da UFMT/CUR/PPGEdu. A investigação qualitativa com abordagem sócio-histórica utilizou como instrumentos de coleta

<sup>1</sup> Secretária de Estado de Educação de Mato Grosso. Rondonópolis, Mato Grosso, Brasil. E-mail: [regiane@pradela.com.br](mailto:regiane@pradela.com.br).

<sup>2</sup> Universidade Federal de Mato Grosso. Rondonópolis, Mato Grosso, Brasil. E-mail: [kjc@terra.com.br](mailto:kjc@terra.com.br).

de dados o questionário, análise documental, duas entrevistas com cada colaboradora, e quinze dias de observação em cada sala de aula, em 2014 e 2015, totalizando 180 horas de observações. À luz da teoria bakhtiniana, fundamentada no conceito de dialogismo para análise da empiria, a pesquisa procurou responder como são as práticas pedagógicas de professoras do ciclo de alfabetização, que participaram da formação do PNAIC na área de Linguagem, em relação à utilização dos acervos Obras Complementares e/ou Alfabetização na Idade Certa.

### **A leitura como processo dialógico**

Para o PNAIC, a leitura é definida como a “relação dialética entre interlocutores, que pressupõe a interação entre texto e leitor e não um simples ato mecânico de decifração de signos gráficos” (CRUZ; MANZONI; SILVA, 2012, p. 10). A leitura vai além da decifração de códigos gráficos, pois a interação entre texto e leitor está carregada de ideologia, visto que todo signo é ideológico e remete a algo fora de si mesmo, sendo um fragmento material da realidade (BAKHTIN, 2006).

Sendo assim, o sentido do texto e a significação das palavras constroem-se na produção e interpretação de textos, de acordo com a relação entre os sujeitos, ou seja, na relação dialógica entre os interlocutores.

Nessa perspectiva, ao longo dos encontros de formação do Pacto foram trabalhadas algumas estratégias para incentivar a interação dos alunos com os livros infantis, entre elas a leitura deleite e a criação do cantinho de leitura nas salas de alfabetização.

Leitura deleite, de acordo com os documentos do PNAIC,

[...] é sempre de prazer e reflexão sobre o que é lido, sem se preocupar com a questão formal da leitura. É ler para se divertir, sentir prazer, para refletir sobre a vida. Tal prática, no entanto, não exclui as situações em que se conversa sobre os textos, pois esse momento também é de prazer, além de ser de ampliação de saberes. (BRASIL, 2012, p. 29).

A leitura deleite é uma estratégia pedagógica, no qual os alunos leem sozinhos ou o professor lê para eles. É imprescindível garantir às crianças o ato de ler enquanto direito, assim como é importante o professor ler para seus alunos, para que eles “apreendam aspectos peculiares da modalidade escrita, como a estrutura sintática, o vocabulário, os elos coesivos” (MAGALHÃES et al, 2012, p. 9). Todavia, é indispensável que se proporcione não só a prática da escuta, mas também a experimentação, o contato com os livros, a vivência literária, a apreciação estética, que, muitas vezes, não precisa ser explicada, mas vivida.

Nessa perspectiva, o cantinho de leitura pode promover este contato das crianças com o material de leitura, pois é um espaço planejado dentro da sala de aula com a intenção de promover a prática de leitura aos alunos, que pode ser composto por variados materiais de leitura: livros literários, obras complementares, revistas, gibis, jornais, dicionários e livros paradidáticos. Ao longo dos encontros do PNAIC, foi incentivada a criação do cantinho de leitura nas salas de alfabetização.

### **Uso das Obras Complementares e/ou Alfabetização na Idade Certa**

No primeiro ano, havia em sala de aula o acervo Obras Complementares (OC), no terceiro, o acervo Alfabetização na Idade Certa (AIC) e no segundo ano as duas coleções. Portanto, as três turmas tinham as caixas de livros com pelo menos um dos acervos no armário, sendo possível o contato das crianças com os diversos gêneros textuais.

As três alfabetizadoras utilizaram obras de um dos acervos em suas práticas pedagógicas, porém com objetivos diferentes e com frequências variadas, como demonstrado no Quadro 1.

AULA OBSERVADA	1º ANO	2º ANO	3º ANO
1ª	Livros Diversos (OC)	-	Livros diversos (AIC)
2ª	“A ciranda das vogais” Zoé Rios (OC)	-	-
8ª	-	Livros diversos (OC, AIC)	-
9º	“Mapa de sonhos” Uri Shulevitz (OC)	-	-
11ª	“Beleléu e os números” - Patrício Dugnani (OC)	Livros diversos (OC, AIC)	-
12ª	Livros diversos (OC)	-	-
	“Dez casas e um poste que Pedro fez” – Hermes Bernardi Jr. (AIC)		
	“Beleléu e os números” - Patrício Dugnani (OC)		
14ª	“Gente de muitos anos” – Malô Carvalho (OC)	Livros diversos (OC, AIC)	“A melhor família do mundo” - Susane López “O ouriço” - Gustavo Roldan (AIC)

Quadro 1: Livros dos acervos Obras Complementares e Alfabetização na Idade Certa utilizados pelas alfabetizadoras. Quadro elaborado com base nos dados coletados nas observações.

A professora do primeiro ano se valeu desse material para realização da leitura deleite. Apesar de ter em sua sala apenas os livros das Obras Complementares, ela trouxe também livros do acervo Alfabetização na Idade Certa para ler para os alunos. A alfabetizadora lia para seus alunos praticamente todos os dias e algumas vezes também proporcionava momentos em que os seus alunos liam sozinhos. Para isso ela criou o cantinho de leitura no fundo da sala, onde deixava a caixa de livros e os alunos pegavam e liam livremente. Nesses momentos de leitura as crianças interagiam com os livros, dialogavam com as outras crianças mostrando as ilustrações e atribuindo sentidos.

Essa professora, ao trabalhar a leitura deleite, tinha dois objetivos: desenvolver na criança o hábito da leitura, a formação do leitor, mas também trabalhar a interpretação por meio da oralidade, como relatou quando questionada sobre os objetivos ao trabalhar com as Obras Complementares.

O hábito da leitura mesmo, e também porque através do livro você trabalha com eles a interpretação, [...] você vai conversando com eles, você está instigando eles, estão também prestando atenção no que a história tá dizendo, né, então, assim, o

livro, ele não tem só a função de trazer leitores, né, mas sim também de aprender interpretar oralmente, desenvolver a fala, tem muitas coisas que o livro nos proporciona, [...]. (Professora do 1º ano, 2ª Entrevista, junho/2015)

A leitura deleite esteve muito presente na prática dessa professora, mostrando que ela se identificou com essa estratégia e a utilizou, praticamente, todos os dias, após ter feito o Pacto, ou seja, já fazia parte de sua rotina. Além disso, no primeiro ano as crianças estão no início da alfabetização e a leitura em voz alta realizada pela professora é um aspecto que deve ser muito trabalhado, pois, ao escutar a história, as crianças desenvolvem conhecimentos sobre a escrita e estratégias de leitura que servirão nas situações de leitura autônoma. Nos momentos de leitura deleite, a literatura também promove encontros do leitor com diversos saberes, como ressaltado por Smolka (2012, p. 111),

[...] a literatura, como discurso escrito, revela, registra e trabalha formas e normas do discurso social; ao mesmo tempo, instaura e amplia o espaço interdiscursivo, na medida em que inclui outros interlocutores – de outros lugares, de outros tempos – criando novas condições e novas possibilidades de trocas de saberes, convocando os ouvintes/leitores a participarem como protagonistas no diálogo que estabelece.

A professora do segundo ano, além da leitura deleite realizada pelos alunos, em que vários livros foram utilizados ao mesmo tempo, utilizando o cantinho de leitura algumas vezes, também utilizou os acervos para desencadear a produção de textos. Em uma das aulas ela pediu para que as crianças escrevessem o resumo do livro que leram e em outra recontassem de maneira diferente a história. A alfabetizadora também usou as obras para os alunos lerem em voz alta sobre um palanquinho de madeira, no qual orientou os alunos a se posicionarem, se apresentarem e expor o livro, trabalhando assim a oralidade com eles.

Ao ser questionada sobre os acervos, a professora respondeu:

O acervo literário é bom, os livrinhos a gente usa bastante. Agora já está na hora de trocar, porque as crianças são assim, a gente põe a caixinha lá no fundo, eles vão lendo, eles exploram, faz o palanquinho de leitura, eu coloco um para escutar a leitura do outro, porque às vezes não dá tempo de eu escutar de todo mundo. Tem os momentos de leitura lá na frente, mas a caixinha, um bimestre eles já leram quase todos, aí a gente troca, às vezes a gente fica um semestre com a caixinha. Eu tenho duas caixinhas, eu vou oferecendo de novo. (Professora do 2º ano, 1ª Entrevista, novembro/2014)

Por meio da fala da professora, percebemos que ela valoriza o material e trabalha bastante com ele em suas aulas.

Já a professora do terceiro ano utilizou os livros que estavam em sua sala de aula (Alfabetização na Idade Certa) para leitura deleite, mas também para observar a fluência da leitura. Segundo Ribeiro (2014, p. 117), “Na educação, é importante buscar o desenvolvimento do leitor fluente e capaz de demonstrar senso crítico, desde os anos iniciais de escolarização”.

Embora o acervo tenha sido pouco utilizado pela professora durante as observações, ela relatou que o usava em suas aulas: “[...] eu utilizo ele, por exemplo, terminou a atividade deles, aí ele vai lá e escolhe o livro”. Além da leitura deleite, ela se valia das obras para que os alunos produzissem textos por meio do reconto: “[...] ele vai ler aquele livro, daquele livro ele vai me produzir algo em cima dele, [...] o que ele tá aprendendo com aquele livro, tá falando de quê?” (Professora do 3º ano, 1ª Entrevista, abril/2015).

Dessa maneira, foi possível perceber que a alfabetizadora trabalhou bastante os eixos de leitura e produção de textos com os alunos.

### Considerações finais

A investigação revelou que as alfabetizadoras apontaram mudanças em suas práticas depois da formação do PNAIC, pois se apropriaram de estratégias pedagógicas sugeridas pelo Programa, principalmente a leitura deleite, como pode ser constatada em suas práticas pedagógicas.

No período em que foram observadas suas aulas, as professoras proporcionaram a interação das crianças com os livros dos acervos do PNLD, enquanto processo dialógico, com frequências variadas e com diferentes objetivos, por meio da leitura deleite, como mote para produção de texto e para trabalhar a fluência.

Portanto, podemos considerar que os acervos alcançaram os seus objetivos que é de auxiliar no processo de alfabetização e letramento.

### Referências

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

BASTOS, Regiane Pradela da Silva. **Práticas de alfabetizadoras em formação pelo PNAIC: estudo do uso dos acervos de leitura**. Dissertação (Mestrado em Educação). Instituto de Ciências Humanas e Sociais. Programa de Pós-graduação em Educação. Universidade Federal de Mato Grosso. Rondonópolis, 2016.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Formação de Professores no Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa**. Brasília: MEC/SEB, 2012.

CRUZ, Magna do Carmo S.; MANZONI, Rosa Maria; SILVA, Adriana M. P. da. Planejamento no ciclo de alfabetização: objetivos e estratégias para o ensino relativo ao componente curricular – Língua Portuguesa. In: BRASIL. **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa: a organização do planejamento e da rotina no ciclo de alfabetização na perspectiva do letramento: ano 2: unidade 2**. Brasília: MEC/SEB. p. 6-15. 2012.

MAGALHÃES, Luciane *et al.* Planejamento do ensino: alfabetização e ensino/aprendizagem do componente curricular – Língua Portuguesa. In: BRASIL. **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa: planejamento escolar: alfabetização e ensino da língua portuguesa: ano 1: unidade 2**. Brasília: MEC/SEB, p. 6-16, 2012.

RIBEIRO, Ana Elisa. Fluência de leitura. In: **Glossário Ceale: termos de Alfabetização, leitura e escrita para educadores/ Isabel Cristina A. da S. Frade, Maria da Graça C. Val, Maria das Graças de C. Bregunci (Org.)**. Belo Horizonte: UFMG/ Faculdade de Educação, p. 117-118. 2014.

SMOLKA, Ana Luiza Bustamante. **A criança na fase inicial da escrita: a alfabetização como processo discursivo**. 13. ed. São Paulo: Cortez, 2012.